



XII SIMPÓSIO DE RECURSOS HÍDRICOS DO NORDESTE

EKOA JAMÃ: ASSENTAMENTO PARA POVOS INDÍGENAS DAS ETNIAS KAINGANG E GUARANI NO RIO GRANDE DO SUL

Vanessa Maria Andreola

Arquiteta e Urbanista formada pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFSM, Brasil.

RESUMO:

A condição dos povos indígenas, no Brasil, assume diversas condições, desde a plena preservação de sua cultura até sua total aculturação. Conscientes da importância dos povos indígenas dentro da história do Brasil é preciso entender as formas de viver e as necessidades dos índios hoje, para conseguir desta forma, melhorar a vida e a comunidade. Este artigo apresenta uma proposta de assentamento e habitação voltados para as etnias indígenas Kaingang e Guarani residentes no norte do estado do RS. Para a fundamentação do projeto foram estudados temas referentes aos povos indígenas brasileiros, sua arquitetura, a habitação proposta pelo governo estadual para o índio no RS e a habitação indígena do município de Planalto RS, características das etnias Kaingang e Guarani e o contexto social e ambiental dos povos indígenas para os quais o projeto do assentamento e da habitação se destinam. Como resultado da pesquisa, duas tipologias distintas foram definidas, uma para os Kaingang e outra para os Guarani, e a forma geral de organização do assentamento. Desta forma, busca-se contribuir para a manutenção das culturas indígenas do Brasil, em especial às do norte do RS, auxiliando para uma melhor compreensão e aceitação das minorias étnicas.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamento Indígena; Etnias Kaingang e Guarani; Habitação de Interesse Social.

ABSTRACT:

The condition of indigenous peoples in Brazil, takes on various conditions, from full preservation of their culture until their total acculturation. Aware of the importance of indigenous peoples in Brazil's history is necessary to understand the ways of life and the needs of the Indians today, to get this way, improving lives and community. This study presents a proposal of settlement and housing to the kaingang and guarani indigenous people resident in the Southern Brazil. Themes relating to

indigenous peoples in Brazil, its architecture, housing proposed by the State Government to the indigenous in Rio Grande do Sul, Guarani and Kaingang people and their ethnic characteristics and the social and environmental context of indigenous peoples were studied and analyzed. As results, two different typologies and the human settlement were defined. Furthermore, we believe to contribute to the maintenance of the indigenous Brazilian cultures, especially to the Northern Rio Grande do Sul, assisting to a better understanding and acceptance of ethnic minorities.

KEY-WORDS: Indigenous Settlement; Kaingang and Guarani People; Low Cost Housing.

INTRODUÇÃO:

Este artigo apresenta um estudo de caso realizado para o desenvolvimento de assentamento e habitação para povos indígenas das etnias Kaingang¹ e Guarani residentes na Terra Indígena² Nonoai, Aldeia Indígena Pinhalzinho, dentro do município de Planalto – RS. O tema escolhido é de sum importância, tendo em vista as necessidades destes povos que atualmente vivem em condições inadequadas. Embora as diretrizes se refiram a um contexto específico, a abordagem adotada para a sua definição pode ser aplicada a outras situações. A pesquisa apoiou o desenvolvimento de um anteprojeto de assentamento e habitação no âmbito de um trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, cujo resultado também é apresentado neste artigo.

OBJETIVOS:

Desenvolver um anteprojeto arquitetônico, propondo diretrizes e proposta para projeto de assentamento com princípios de sustentabilidade voltados para povos indígenas das etnias Kaingang e Guarani, localizado na zona rural, na Terra Indígena Nonoai dentro do município de Planalto - RS.

JUSTIFICATIVA:

Desenvolver um anteprojeto arquitetônico, propondo diretrizes e proposta para projeto de assentamento com princípios de sustentabilidade voltados para povos indígenas das etnias Kaingang e Guarani, localizado na zona rural, na Terra Indígena Nonoai dentro do município de Planalto - RS. O tema proposto consiste na criação de uma estrutura que colabore com a realidade indígena, constatada a necessidade de locais adequados, principalmente de moradia.

Atualmente, a qualidade de vida e o bem estar dos cidadãos não estão apenas ligados a fatores sociais e econômicos, mas também a fatores culturais. Atividades e espaços de experiência cultural devem ser

¹ Os nomes dos povos indígenas são escritos no singular, assim como as palavras na língua Guarani, pois não há plural [...] (FELIPIM 2001, apud PRUDENTE, 2008).

² De acordo com a definição da Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU, 2013), terra indígena é o procedimento administrativo de iniciativa da União, visando à identificação e delimitação das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, em obediência ao disposto na Constituição Federal.

considerados aspectos fundamentais na vida cotidiana, pois têm o potencial de mostrar caminhos de diferentes interesses, sejam intelectuais, pessoais ou de crescimento profissional. Segundo definição antropológica (TYLOR, 1871 apud GRUPO ESCOLAR, 2008) cultura é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade, sua expressão da totalidade da vida social.

Com acesso à informação e ao conhecimento, todo indivíduo terá maior possibilidade de crescimento técnico e profissional. Disseminando a cultura e com base na dignidade e no respeito, é possível combater o preconceito e a desigualdade social. São essas e outras questões que são reforçadas no Estatuto do Índio (BRASIL, 1973) que diz:

Serão respeitados os usos, costumes e tradições das comunidades indígenas, e seus efeitos, nas relações de família, na ordem de sucessão, no regime de propriedade e nos atos ou negócios realizados entre índios, salvo se optarem pela aplicação do direito comum (Art. 6º, p. 6). É assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão (BRASIL, 1973, Art. 47, p. 11).

Destaca-se que a motivação para o mesmo ser realizado dentro do Setor Pinhalzinho, na aldeia indígena da cidade de Planalto – RS originou-se de uma necessidade urbanística de reorganização do espaço em que os índios vivem hoje, sendo que a constatação dessa necessidade foi sentida através de visitas realizadas no local.

Outra justificativa para o projeto é o modelo atualmente implantado pelo governo do estado para suprir a necessidade de moradia para os povos indígenas. Este modelo é o mesmo de habitação de interesse social voltado para não índios, não tendo nenhum vínculo com a cultura indígena e suas formas de habitação. Por falta de opção, estes povos acabam aceitando essa padronização, por representar melhores condições de moradia se comparada com a precariedade em que vivem hoje.

Entende-se habitação como um sistema complexo de condições que pressupõe qualidade de vida, sistemas de transportes e de comunicação, de abastecimento e de atividades culturais. De modo que a casa, enquanto fenômeno cultural deve corresponder aos ideais de moradia de seus usuários, para que o indivíduo se aproprie efetivamente do espaço, a fim de possibilitar a adequação dos ambientes às suas necessidades culturais e aos diferentes usos e costumes que compõe o espaço habitacional (SILVEIRA, 1995 apud CARRINHO, 2010). Desta forma e independente da localização, urbana ou rural, classes sociais e peculiaridades étnicas, a habitação é, além de um projeto arquitetônico, um fenômeno cultural, permitindo deste modo a abordagem de diferentes áreas do conhecimento.

MÉTODO EMPREGADO:

No Brasil, há cerca de 897mil índios, sendo que, aproximadamente, 517mil moram em unidades oficiais denominadas terras indígenas (TIs). Este número revela a importância do desenvolvimento de habitações adequadas às suas necessidades e a sua cultura. Logo, é relevante a

reflexão e a proposição de diretrizes para habitação indígena, indo ao encontro de suas necessidades e de sua tradição cultural.

Para isso é necessário compreender sua dinâmica social, a relação com a natureza, suas crenças, sua forma de expressão artística, buscando, na forma tradicional de morar do índio, subsídios para desenvolver ambientes que atendam suas necessidades e que expressem sua tradição.

O método de pesquisa envolveu a análise de referências bibliográficas sobre o tema, visitas técnicas ao local, entrevistas com o cacique responsável pela aldeia, entrevistas semiestruturadas com representantes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e assistentes sociais que atuam junto aos indígenas. As visitas técnicas foram agendadas junto ao cacique e ao chamado sargento, responsáveis pelos índios kaingang e guarani, público-alvo do estudo.

Foram realizadas dezenove visitas ao local onde se levantou a estrutura existente, conversou-se de maneira informal com os indígenas, buscando compreender sua forma de organização territorial e social. Fizeram-se levantamentos da infraestrutura (vias, água, luz, esgoto, mobilidade) no local, tipos e condições das habitações e dos demais edifícios de uso coletivo (tais como escola, centro de convivência, posto de saúde). Observou-se também a vegetação nativa e exótica, lavouras, pequenas plantações, tipos de animais criados, número de indivíduos, idade, sexo, produtos artesanais confeccionados pelos indígenas, fontes de renda, grau de escolaridade, relação com a comunidade do município, rituais religiosos entre outros aspectos que pudessem colaborar com a definição das diretrizes. A partir do conjunto de dados levantados e de sua análise, propôs-se a reorganização do assentamento e um projeto de habitação para cada uma das etnias.

RESULTADOS PARCIAIS:

Com base nos estudos efetuados, uma proposta foi desenvolvida para o assentamento e habitação voltados às etnias Kaingang e Guarani do setor Pinhalzinho, da Terra Indígena Nonoai. A proposta organiza-se em três espaços básicos:

O **espaço integrador** é o local de uso das duas etnias e da comunidade em geral que deseja visitar para conhecer a cultura indígena e obter produtos comercializados e desenvolvidos pelos próprios índios. O **espaço comunitário** é de uso exclusivo dos índios, funcionários e voluntários que trabalham e prestam assistência no local. O **espaço privativo** é de uso exclusivo dos índios, onde será preservado cada costume étnico e métodos construtivos tradicionais.

O conjunto do espaço privativo segue a ideia e a estrutura de uma aldeia ou taba kaingang (1) e guarani (2), em que a disposição dos espaços é baseada na forma circular, sendo que todos estão a igual distância do elemento organizador, a praça central ou *ocara*. A praça é usada para produção de artesanato coletivo, festas e rituais indígenas. A ideia também é norteada pelos princípios da flor da permacultura,

sendo que as atividades que serão desenvolvidas seguem os sete princípios e éticas do design permacultural (3). O número de ramificações que abrigará as residências é propositalmente para lembrar cada princípio, conforme desenhos das figuras abaixo.



Figura 1 - Inspiração e princípios para o assentamento. Fonte: Autora (2013).



Figura 2 – Inspiração para o assentamento. Fonte: Ballivián, 2011.

Os espaços serão circundados por áreas verdes que farão a limitação entre elas. Para o paisagismo e demais vias, buscou-se linhas curvas, sinuosas e orgânicas onde a prioridade é o pedestre. O intuito é fazer relação com as antigas formas de organização das aldeias indígenas, onde não existiam limites rígidos de ocupação de grandes áreas e as famílias viviam em comunidade.

Na parte mais baixa da área de intervenção, será localizado o tratamento natural do esgoto. Será feito através de sistemas baseados na absorção dos agentes contaminantes por raízes de plantas e deposição em um lago artificial que poderá ser usado para acumular águas superficiais das chuvas. Também foram propostos locais próprios para armazenagem dos resíduos sólidos recicláveis e composteiras para a produção de adubo a partir dos resíduos orgânicos.

O espaço privativo como um todo tem a mesma composição para as duas etnias, mas estão separados, respeitando e dando sequência aos limites territoriais existentes hoje na área de intervenção. Não existe delimitação de lotes, mas as habitações são afastadas entre si.

Um dos pressupostos assumidos como diretriz é o desenvolvimento de uma arquitetura sustentável nas suas dimensões ambiental, cultural e social. Conforme o Instituto Sócio Ambiental (ISA, 2013), embora não se possa afirmar que todos os índios ajam da mesma maneira, é perceptível que, ao longo da história, administraram os recursos naturais de uma forma menos agressiva para o planeta provocando poucas perturbações ambientais. A tecnologia construtiva das habitações fará uso de materiais de construção naturais, como o bambu, a terra, a palha, o adobe. Além de um significado apenas físico, a habitação em si, terá um significado espiritual e expressará sua relação harmônica com a natureza, trazendo aos índios novamente como parte integrante da natureza.

A habitação kaingang, conforme Figura 3, seguirá uma planta em formato circular seguindo a simbologia e a forma da habitação kaingang. Assim como o conceito indígena da etnia, a casa nasce da terra, com áreas comuns da sala e cozinha no centro da edificação, está sendo previsto um espaço para fogão a lenha, de uso intenso pelo público alvo hoje e lembrando as antigas habitações que apresentavam fogo de chão. O restante dos ambientes serão dispostos ao redor da área comum, entrelaçados a ele. Resgatando a crença kaingang, a entrada principal se dará junto ao nascente, orientação leste, morada de Kairú e a saída se dará junto ao poente, orientação oeste, morada de Kamé, segundo a crença.

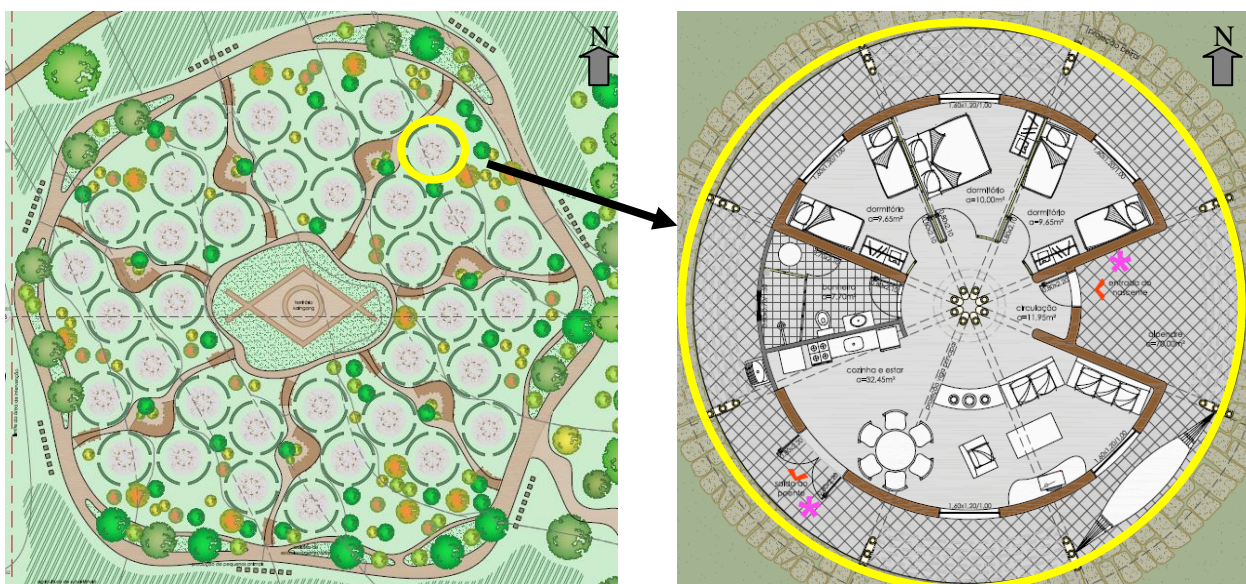


Figura 4 - Assentamento para etnia kaingang. Fonte: Autora (2013).



Figura 4- Proposta de habitação para etnia kaingang. Fonte: Autora (2013).

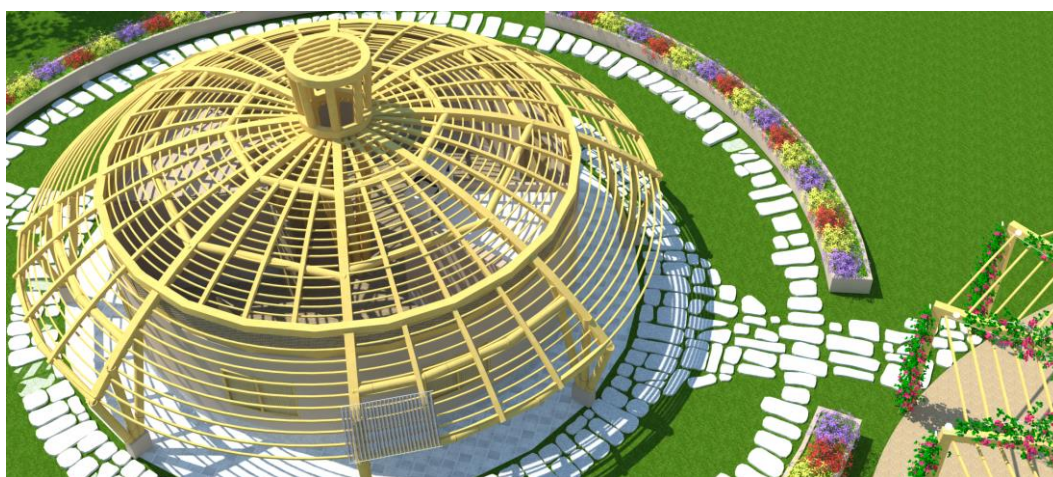


Figura 5- Proposta de habitação e resolução estrutural para etnia kaingang. Fonte: Autora (2013).



Figura 6- Vista geral da proposta de assentamento para etnia kaingang. Fonte: Autora (2013).

A casa do índio guarani terá planta quadrada e espaços internos modulados, conforme a tradição. Assim como o conceito indígena da etnia, acolhe os membros da família, com as áreas comuns da cozinha e sala de estar integradas, sem divisórias, entrelaçadas e moduladas pelo restante dos espaços. O fogão a lenha disposto no centro da edificação também lembrará as antigas construções indígenas que apresentavam fogo de chão. Resgatando a crença guarani, a casa terá uma porta de entrada ao nascente, morada de Karai e a de saída voltado ao sul, porque é de lá que vem às coisas ruins, segundo a crença.

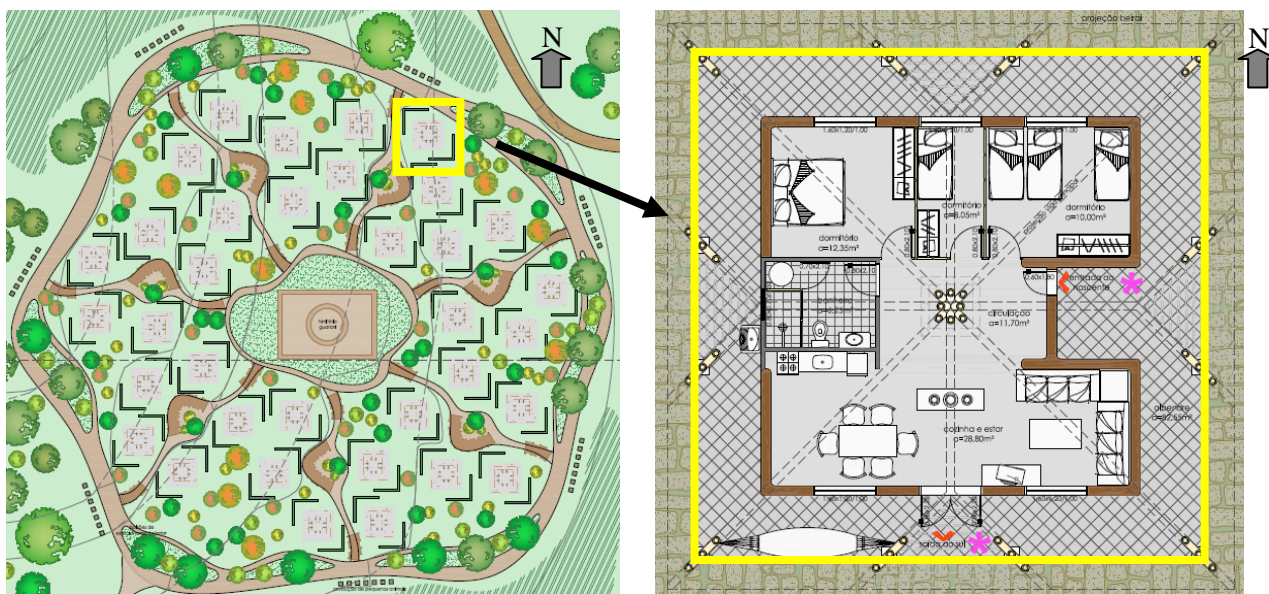


Figura 8- Assentamento para etnia kaingang. Fonte: Autora (2013).



Figura 9- Proposta de habitação para etnia guarani. Fonte: Autora (2013).



Figura 10- Proposta de habitação e resolução estrutural para etnia guarani. Fonte: Autora (2013).



Figura 11- Vista geral da proposta de assentamento para etnia guarani. Fonte: Autora (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente estudo permitiu definir diretrizes condizentes com as necessidades, a cultura e as tradições dos povos kaingang e guarani que vivem atualmente na região norte do estado do RS. Com a pesquisa pode-se concluir que os índios sofrem grande influência da forma de viver do não índio principalmente porque suas condições de vida são muito precárias e difíceis. Se for possível oferecer a eles algo que respeite suas tradições e que tenha qualidade estética, estrutural e atenda suas necessidades atuais, receberão de bom grado essa solução.

BIBLIOGRAFIA:

BALLIVIÁN, J. M. P. **Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas – Região Sul.** 1ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2011.

- CARRINHO, R. G. **Habitação de Interesse Social em Aldeias Indígenas**: uma abordagem sobre o ambiente construído Mbyá-Guarani no litoral de Santa Catarina. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- CRUZ, J. T. **Habitação Indígena para a Aldeia Mbyá Guarani da Lomba do Pinheiro**. Estudo de caso apresentado para disciplina de projeto VII. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2005.
- ESMPU. ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO. **Dicionário de direitos humanos. Coleção de palavras**. Banco de Dados. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.escola.mpu.mp.gov.br/dicionario/tiki-index.php>>. Acesso em 17 abr. 2013.
- FUNAI. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Área disponível**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/portal/>>. Acesso em: 05 abr. 2013.
- GARLET, D. J. **Origem do homem e primeiros Estados**. Santa Maria: Totem Ltda, 2012.
- GERSEM, L. S. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação continuada, alfabetização e diversidade. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.
- GOOGLE IMAGENS. **Imagens diversificadas**. 2013. Data de aquisição: 25 abr. 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Sala de Imprensa. Comunicação Social 10 ago 2012. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2194>. Acesso em: 13 jul. 2013.
- ISA. INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. **Mapas**: Terras Indígenas no Brasil: Região Sul. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pt-br/mapas>>. Acesso em: 17 abr. 2013.
- PLANALTO. PREFEITURA MUNICIPAL DE PLANALTO. **Informações**. História do município. Planalto, 2013. Disponível em: <<http://www.planalto.rs.gov.br/>>. Acesso em: 19 maio. 2013.
- POVOS Indígenas do Brasil. **No Brasil atual**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 12 maio. 2013.
- PRUDENTE, L. T. **Arquitetura Mbyá – guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul**: Estudo de Caso do Tekoá Nhüu Porã. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre - RS, 2007.
- SIASI. SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA. **População indígena**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/area/2/principal.html>>. Acesso em: 22 maio. 2013.
- SILVA, L. A. A história Kaingang através do ritual do Kiki. **Santa Catarina em História**. Florianópolis, v.5, n.1, 2011.
- VERÍSSIMO, J. As populações indígenas e mestiças da Amazônia. 1887. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, p. 295 – 390. Tomo L. Rio de Janeiro – RJ, 2010.
- WEIMER, G. **A Arquitetura**. 165 p. 3 ed. Porto Alegre – RS: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- WIKPEDIA. A enciclopédia livre. **Caingangues**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caingangues>>. Acesso em: 18 jul. 2013.
- WILMAR, R. D’A.; VEIGA, J. Habitação e acampamento Kaingang hoje e no passado. **Cadernos do CEOM**. n.18, p. 213 - 242. Chapecó – SC: Argos, 2003. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/habitacao_e_acampamentos.pdf>. Acesso em: 14 maio 2013.